

AS VOZES GRITADAS NA ELEIÇÃO DE 2010: o discurso direto na disputa presidencial ¹ THE SHOUTED VOICES IN 2010 ELECTION: the direct quotation in the presidential race

João Feres Júnior², Lorena Miguel³, Eduardo Barbabela⁴, Anaily Mafra⁵, Renata do Nascimento Silva⁶ e Ingrid Peregrini⁷

Resumo: A eleição presidencial de 2010 pela primeira vez conduziu uma mulher ao posto mais destacado do Executivo brasileiro. Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, venceu José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira, no pleito com uma diferença de 12 pontos percentuais. Durante o processo eleitoral os grandes jornais do país, O Globo, O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo empregaram diversos mecanismos para influenciar o leitor. Dentre estes, está a utilização de frases em discurso direto nas capas dos jornais. Este trabalho analisará a forma e o conteúdo dessas “chamadas” diretas e a maneira como buscaram influenciar a eleição.

Palavras-Chave: Mídia; Eleições presidenciais; Voz Direta

Abstract: The Brazilian's Presidential Election of 2010, for the first time conducted a woman to the highest Executive's post. Dilma Rousseff, candidate of Partido dos Trabalhadores, beat José Serra with a twelve point's difference. During the electoral process, the Brazilian's biggest newspaper, O Globo, O Estado de São Paulo and Folha de São Paulo, used some mechanisms trying to persuade their readers. One of them was the use of direct quotation on their first pages. This article analyses the form and the purport of this direct discourses and their influence on the election.

Keywords: Media, Presidential elections; Direct Quotation

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Política do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, de 04 a 07 de junho de 2013.

² Professor de Ciência Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-UERJ); Doutor pela City University of New York, Graduate Center; jferes@iesp.uerj.br

³ Mestranda em Ciência Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-UERJ); Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF); lorenamsmiguel@gmail.com

⁴ Graduando em Ciência Política no sétimo período na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); dududefigueiredo@hotmail.com

⁵ Graduanda em Ciência Política no sétimo período na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); anaily_mafra@hotmail.com

⁶ Graduanda em Ciência Política no sexto período na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); renascimento.s@hotmail.com

⁷ Graduanda em Ciência Política no sexto período na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); ingridperegrini@hotmail.com

1. Introdução

Vivemos em uma “Idade Mídia” (RUBIM, 2000: 26). As sucessivas transformações trouxeram a Comunicação para o centro da vida social, como meio de conhecimento e comunicação, na qual a realidade é construída por discursos da imprensa, que proporcionam pontos de vista, às vezes distintos, geram conhecimentos e, diretamente ou não, respondem questões cotidianas (SOUSA, 2002). Uma vez que a política pode ser entendida, para além das atividades formais que reclamam tal nome, mas incluindo-as, como o conjunto de atividades que organizam a vida coletiva humana, é compreensível que a relação entre os campos mídia e política adquira importância.

Uma das marcas que expõe esta importância é o aparecimento de estudos analíticos sobre diferentes aspectos da conexão entre mídia e política. Nesta perspectiva, o presente trabalho pretende contribuir para essa literatura sobre um dos temas mais caros a Ciência Política, inserido no subgênero de estudos da interação entre grande mídia e eleições, (ALDÉ, MENDES, FIGUEIREDO, 2007), analisando o caso das eleições presidenciais de 2010.

Mídia se define como os meios de comunicação que transmitem informações aos cidadãos, sendo um campo extremamente amplo e fértil para análises. O jornalismo é o campo profissional desta atividade. Nosso trabalho destaca um dos meios profissionais dessa comunicação: o jornalismo impresso. Discutiremos a importância dos jornais impressos no período eleitoral.

O artigo se divide em três partes. Primeiramente, discutiremos a importância das capas para a compreensão dos interesses editoriais na criação do discurso jornalístico. Na segunda parte, discutimos o real alcance do discurso de imparcialidade proposto pela mídia brasileira durante o período eleitoral por meio da utilização das declarações dos personagens da eleição. Por fim, analisaremos o uso das citações dos políticos na criação das chamadas.

2. Capa, compreensão e discurso

Televisão, rádio, jornal impresso, existem diversos mecanismos pelos quais a mídia transmite ao cidadão as notícias do dia. Autointitulados bastiões da verdade, os grandes meios de comunicação, através de sua perspectiva, apresentam a política em suas capas,

editoriais, notícias e charges, buscando influenciar a visão do cidadão sobre o que foi veiculado, como Alessandra Aldé discute em seu livro „Construindo Política“ (2004).

As manchetes das capas são entendidas como “lugares narrativos em que as marcas da editoria e da editoração do jornal são mais fortes. É por excelência, um lugar de sedução” (BEZERRA, 2005: 53). A capa é uma vitrine para os principais cuidados (FAUSTO NETO apud HERÉDIA, 2008: 42), já que é a parte que mostra os principais interesses da edição. Nesta perspectiva, todas as partes da primeira página, manchetes, chamadas, charges, textos curtos, enquadramento, são pensadas como formas de transmitir a mensagem do jornal (BEZERRA, 2005: 40-41).

Apesar do papel fundamental de atração (ALTHAUS *ET AL*, 2001), é possível influenciar, através da redação ou de aspectos visuais, o entendimento das chamadas mesmo que baseadas em declarações oficiais. Principalmente para os leitores casuais da primeira página, aqueles que ficam com a impressão após leitura rápida, no entanto sem o interesse em buscar mais informações, transmitindo esta leitura para outros que não leram (HERÉDIA, 2008:42).

Gaye Tuchman (1973: 113) igualmente discute o tratamento dado às capas pelas edições, ao definir as matérias em cinco tipos: *hard news*, *soft news*, *spot news*, *developing news* e *continuing news*. Os dois primeiros são as que nos interessam, o primeiro são matérias importantes que necessitam de maior aprofundamento para serem entendidas plenamente e o outro se define apenas como notícias não essenciais, as quais apenas a apresentação é suficiente para entendê-las. Essa classificação da energia despendida sobre a notícia permite uma melhor análise destas notícias. Existem ainda duas importantes características a serem consideradas: a velocidade em que se precisa escrever uma história para sua publicação, e as concepções que o editor possui acerca dos fatos que influenciarão e chamarão mais a atenção dos leitores.

Os veículos midiáticos pretendem em sua cobertura dos fatos transmitir a imagem de imparcialidade, expondo a realidade “tal como ela seria”. Aldé *et al* (2007: 152) apresentam a importância do debate:

A discussão sobre a parcialidade jornalística remete a uma série de questões, tanto teóricas, sobre o papel da imprensa e da mídia de massa na democracia

contemporânea, quanto históricas, sobre a construção social das rotinas produtivas do jornalismo e da própria noção de objetividade. Vários autores apontam para o caráter social e historicamente construído destes valores, hoje tão incorporados ao discurso jornalístico que acabam sendo naturalizados, sem que se perceba a dificuldade em sua definição.

A relevância da objetividade, segundo Gaye Tuchman (1972: 662), se deve ao curto tempo do repórter para redigir sua história baseada em fatos considerando duas questões: a aceitação da notícia pelo corpo editorial do periódico e evitar futuros processos judiciais. O erro, segundo a autora, é a comparação entre objetividade e fatos. E este processo não pode demorar mais de um dia.

O contraponto para esta objetividade não é a parcialidade, a qual não é nosso objeto neste artigo, e sim a noção de que qualquer discurso, inclusive o midiático, é “situado e marcado por uma rede complexa de relações” (MIGUEL e BIROLI, 2010: 66). Dessa forma, as notícias não partem de um vácuo que permitiria aos meios jornalísticos informar a realidade – a qual, quando no singular, ignora as diferenças que nos cerca – sem serem influenciados pela mesma. Há, todavia, três consequências deste discurso da imparcialidade. A primeira e que esta não somente é inatingível, como também serve a funções ideológicas precisas (YOUNG apud MIGUEL e BIROLI, 2010: 66). A segunda consequência consiste na naturalização do discurso proposto como único, abafando vozes distintas que não possuem meios de comunicação tradicionais para transmitir sua visão. Por fim, o caráter conflitivo das relações sociais e da política é ignorado, o que impede a definição racional dos critérios de escolha de quais vozes são relevantes e quais não (MIGUEL e BIROLI, 2010: 67).

Existem diferentes razões para explicar a parcialidade midiática. Primeiramente, há a desconstrução da concepção de “parede de separação” entre as páginas editoriais e a de notícias, o que altera a forma como a política é tratada, independentes das normas que há (PEAKE e ESHBAUGH-SOHA, 2008: 613). Peake aponta duas áreas que explicariam essa atitude: a sociológica e a econômica. Sociologicamente, é plausível afirmar que o desenvolvimento de uma cultura política organizacional influenciou na cobertura política (BARRETT e BARRINGTON, 2005: 610) e também o ambiente na sala de redação impulsionariam os jornalistas a escolherem um viés a despeito do outro. Economicamente, o

autor trata sobre a influência da audiência, afinal, por ser um produto mercadológico, é imprescindível criar alguma relação com o cliente (PEAKE, 2007:55).

3. O alcance da (im)parcialidade brasileira

Frente a essas discussões, é imprescindível analisar a cobertura jornalística brasileira, principalmente suas estratégias. Heloísa Bezerra (2005) propõe um enquadramento diferente na análise da cobertura midiática das eleições majoritárias: o adversarismo político. Baseada em diversas leituras, a autora aponta o antagonismo quanto à relação amigo-inimigo - o adversário tolerado pela perspectiva de ser aliado no futuro – em que os candidatos se combatem na disputa discursiva.

Após escolher o candidato que apoiará, a mídia se apropria do jogo discursivo e constrói sua narrativa sobre a dinâmica eleitoral, quebra a ideia de adversarismo e cria um jogo político no qual um candidato age para eliminar a competição. “Esta narrativa encobre sua posição de sujeito interessado mesmo quando privilegia um competidor em detrimento de outro(s), pois foi construída a partir da disputa entre os grupos” (BEZERRA, 2005: 27). Portanto, é possível utilizar constantemente as afirmações de um candidato contra o outro e, mesmo não publicando a resposta do mesmo, estas são consideradas somente representações da situação.

4. Análise das vozes diretas

O uso de citações pode ser considerado uma tática argumentativa do jornalista. A utilização de nomes e citações permite que o jornal apresente a sua opinião de forma a comprometer outrem. A frase selecionada transmite a ideia de que “esta opinião não é a do repórter”, repelindo críticas de que o jornal, ou mesmo o jornalista seria parcial. Na realidade, a culpa recai sobre o ator citado e permite ao jornal afirmar que sua cobertura é objetiva por reproduzir as falas e não expressar a sua própria opinião (TUCHMAN, 1972: 668-677).

O estudo das passagens selecionadas pelos diferentes periódicos para estampar suas capas nos permite entender um pouco mais da cobertura jornalista. Escolher uma parte da declaração à revelia de outra é a primeira mostra de parcialidade. A história que será contada a partir do trecho selecionado será uma que permitirá ao cidadão criar um juízo de valor

próprio acerca do evento em questão e a validade dessa realidade formada é exclusivamente interna a reportagem que a formulou (TUCHMAN 1976: 1-4). Mesmo que haja objetividade na manchete apresentada e que está isento o jornal de diretamente expressar sua opinião (TUCHMAN, 1972: 677), a escolha do trecho transcrito rompe com a ideia de imparcialidade e revela uma realidade forjada ao leitor que segue a opinião editorial do jornal em questão.

a) José Serra, PSDB

Nas capas do jornal O Estado de São Paulo houve vinte matérias onde em algum momento aparece uma declaração de José Serra, sendo que em quatorze casos ela ocupa a parte central da notícia. O principal foco ocorre quando das acusações de quebra de sigilo na Receita Federal de pessoas ligadas a sua campanha, como sua filha Verônica Serra e Eduardo Jorge, o vice-presidente do PSDB, por uma suposta servidora filiada ao PT. Em seis casos, o presidenciável faz declarações publicadas em tom de acusação contra o PT, exigindo explicações da candidata Dilma Rousseff. O peessedebista utiliza-se de frases fortes como “é o DNA do PT” e “atentado contra a democracia”, questionamentos como “o que não farão se ganharem as eleições?” e acusações de que Receita acobertou e que seria cúmplice da “sindicalização de um órgão do Estado”.

As acusações a Dilma também são assunto constante das falas de Serra em diferentes momentos. No caso da quebra de sigilo, afirma que não tem dúvidas da participação da ex-ministra e que esta se esconderia atrás de ministros e do então presidente, Lula. Também afirma que não se pode governar da garupa e que a candidata pensa já ter vencido por ter uma vantagem nas pesquisas, e que essa atitude é uma “forma de desrespeito”, já que é o povo quem elege o presidente.

O governo de Lula é alvo constante do presidenciável, que retoma os casos do mensalão e dos „alopradados“ para demonstrar que a “justiça dos companheiros” é lenta. José Serra critica a política externa por sua suposta ligação com Hugo Chávez e afirma que é clara a ligação do Partido dos Trabalhadores com as FARC, grupo paramilitar colombiano, após declarações do seu vice, Índio da Costa. Mesmo assim, defende a utilização da imagem do

então presidente Lula em seus programas televisivos, dizendo que são “políticos experientes”, diferente de Dilma que seria inexperiente e despreparada para o cargo.

O candidato também se defendeu das acusações relacionadas ao seu partido. Seu tom foi sempre forte, com ênfase para o caso de Paulo Vieira de Souza, conhecido como “Paulo Preto”. O ex-diretor da Dersa foi acusado por Dilma, em debate televisivo, de arrecadar dinheiro para o PSDB e “depois sumir”. Serra afirma que as acusações são “fantasiosas” e “factoide feito para pegar a imprensa”. Em outro momento, novamente defende-se dizendo que não houve desvio “por parte de ninguém”. Sobre o possível ataque dos petistas às privatizações, responde que é “trololó de factoide” e se não estatizaram novamente foi por que não desejavam.

Falas de outros políticos do PSDB também foram utilizadas no formato voz direta, como do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Em declaração ao portal do partido noticiada nos periódicos, acusou Lula de ser “militante e chefe de facção” e chegou a compará-lo com o ditador italiano Benito Mussolini, defendendo que o STF observasse as atitudes do presidente. Após a vitória de Dilma, o Estado de São Paulo finaliza a grande matéria com uma citação de FHC afirmando que “Lula e PT foram dinamitadores de pontes”.

O ex-ministro de FHC e a época presidente nacional do PSDB, Eduardo Jorge, também aparece na cobertura do jornal para criticar. Neste caso, porém, seu alvo é o Ministério Público que não quer investigar as acusações de quebra de sigilo em período eleitoral, diferente do que havia feito em outras. O senador PSDBista Álvaro Dias também se pronunciou durante a eleição, afirmando que o assalto ao comitê eleitoral petista em Mauá, na realidade, havia sido uma forma do partido realizar uma “queima de arquivo”. Por fim, o candidato a vice, Índio da Costa, foi noticiado pelo jornal ligando o PT às FARC e também dizendo que o Movimento dos Sem Terra não seria um movimento social.

Nas capas da Folha de São Paulo, um total de treze matérias que contam com alguma declaração do candidato do PSDB, cinco delas focadas em suas falas. Três notícias permitem que Serra se defenda, duas são sobre a suspeita de fuga de Paulo “Preto” com o dinheiro arrecado para a campanha. Após ter declarado desconhecer o caso, Serra defende o companheiro, que havia reagido ameaçadoramente às denúncias dizendo que “não se abandona um companheiro ferido na estrada”. Também apareceram nas capas do jornal falas de Serra acerca das licitações suspeitas do metrô no governo do seu partido. Ele diz apoiar o

inquérito, mas ao mesmo tempo afirma que o governo não precisaria ser investigado. Por fim, outra crítica que o candidato defendeu foi interna, após seus aliados pedirem mudanças na sua campanha, Serra descartou e disse que continuaria como estava e que iria “chegar lá”.

Dois dos temas mais polêmicos da eleição, o aborto e as privatizações, apareceram separadamente e também em uma ocasião juntos, quando Serra acusa a candidata petista nas duas questões. No tocante ao aborto, o peessedebista apoia a declaração do Papa Bento XVI contra sua legalização e afirma que Dilma se posiciona com “duas caras” na questão. Na questão das privatizações, retomado pelos petistas para criticar o PSDB, o candidato utiliza o argumento de que o governo de Lula poderia ter desfeito as privatizações se assim quisesse.

Além dessas falas, em duas ocasiões candidato do PSDB surge acusando o PT. A questão mais destacada é a da quebra de sigilo de Verônica Serra, na qual acusou o Partido dos Trabalhadores de “espionagem” e também de representar junto a sua candidata o “lado da calúnia, da fraude e do crime que se está cometendo contra a Constituição”. Na segunda aparição, José Serra afirma que é clara a ligação do PT com as FARC, aludindo à fala de seu vice-presidente, Índio da Costa. Serra ainda ataca “uma parte da mídia” porque, segundo ele, segue a “pauta petista”. Chega a dizer que o jornal Valor Econômico favorece a candidata do PT.

Outras declarações de pessoas ligadas à candidatura estão contempladas ao longo da cobertura das capas da Folha de São Paulo, com destaque ao candidato a senador pelo PSDB, Aécio Neves, e para o vice-presidente da chapa de José Serra, Índio da Costa. O atual senador defende os governos passados, afirmando que as realizações de Lula não seriam possíveis sem Itamar Franco e FHC. Por sua vez, Índio da Costa ao responder à polêmica em torno de sua acusação de que o PT teria ligações com as FARC, chama Dilma de “esfinge do pau oco”. O comando do PSDB, capitaneado pelo senador Álvaro Dias, por seu turno, acusa o Partido dos Trabalhadores de forjar um roubo em um dos seus comitês após as acusações de quebra de sigilo.

O jornal Globo utiliza dezessete declarações diretas de Serra para compor suas matérias de capa, oito dessas focadas em suas falas. Dentre as matérias que se destacam na cobertura, sete são ataques do candidato focados principalmente em Dilma. Serra diz que a candidata é “ventríloqua de marqueteiro”, uma “candidata oculta” e que desrespeita o povo por “sentar na cadeira” da presidência antes da eleição terminar. O governo também é foco de

críticas de Serra ao afirmar que se vive em “situação de mentira permanente” no país e criticando a falta de investimentos em rodovias e hospitais, e também para a criação do trem-bala.

O ex-presidente Lula também foi alvo de discursos de Serra, principalmente nos "escândalos" de tráfico de influência na Casa Civil e da quebra de sigilos na Receita Federal. Na cobertura de capa de O Globo, o candidato afirma que Lula deixa outros roubarem e que seu governo é um “desrespeito à democracia”. Também acusa Lula de seguir a “estratégia do PT e chama a candidata oculta” de caixa-preta.

Outras dez declarações publicadas focam em críticas, usualmente compondo textos maiores sobre os escândalos. Sobre o episódio da Casa Civil, Serra garante que Dilma ou “não é capaz, ou é cúmplice” e que ela “não sabe administrar”. No caso da quebra de sigilo, que envolvia sua filha, suas afirmações foram utilizadas em cinco matérias. O candidato assevera que a defesa da Receita é “história da carochinha” e que o PT “aparelha as agências reguladoras”, “faz espionagem” e também que se trata de “um crime contra a Constituição”. Por fim, suas duas últimas falas diretas são para afirmar que Dilma é “duas caras” quando se trata da questão do aborto e que seu partido, o PT, cerceia a liberdade de imprensa.

Declarações que não diziam respeito a sua principal adversária foram somente duas: a primeira sobre a importância da presença de Aécio Neves no segundo turno, considerando-o “pessoa chave” em sua campanha; a segunda, uma afirmativa, em campanha no Rio, garantindo que a SuperVia terá funcionamento igual ao do metro.

Personalidades tucanas aparecem em seis declarações na cobertura de capa do periódico, sendo quatro delas de Aécio Neves. Duas destas declarações são ataques ao então presidente Lula, defendendo a ideia de que este “sai menor do que entrou” da Presidência e que a campanha de Dilma teria “certa soberba”. Além destes temas, o senador mineiro defende as privatizações ocorridas no mandato de FHC, declarando que ser contra esta forma de agir é dizer “a cada brasileiro que pegue seu celular e jogue na lata de lixo”. Por fim, Aécio comenta sobre a possibilidade de haver segundo turno. O presidente do PSDB, Eduardo Jorge, considera “embromação” as explicações da Receita Federal sobre a quebra de sigilo de suas informações. A última personalidade presente em citação de voz direta na capa do jornal é o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que acusa Lula de ter “vir[ado] militante, chefe de facção”.

b) Dilma Rousseff, PT

Só é possível avaliar o viés da cobertura das capas e o uso de voz direta nelas se comparamos o tratamento dado a diferentes candidatos. Vamos agora examinar como a candidata vitoriosa, Dilma Rousseff, foi tratada nas capas dos principais jornais impressos do país.

No periódico “O Estado de São Paulo”, entre as quatorze matérias que utilizaram declarações de Dilma Rousseff, somente cinco focaram em suas falas. Em sua maioria, as matérias com aparições da candidata têm duas temáticas: aborto (3), e acusações envolvendo o governo petista (6). As outras defendem propostas, como a racionalização do Estado, e afirmam sua preparação para governar o país.

O assunto da legalização do aborto foi exaustivamente agendado pela mídia durante parte do primeiro turno. E Dilma era figura central nele, pois era acusada de ser a única candidata que havia feito declarações a favor da legalização da prática no passado. Dilma reagiu afirmando repetidas vezes que não tomaria atitudes a favor de uma possível liberalização caso vencesse. Mesmo após as declarações, os outros candidatos retomaram as discussões e acusaram a petista de contradição, o que levou Dilma a chamar uma reunião com líderes de grupos religiosos para reafirmar sua posição.

A cobertura dos escândalos envolvendo o governo teve dois focos principais, a quebra de sigilo fiscal de pessoas ligadas ao PSDB e o tráfico de influência na Casa Civil, protagonizado por Erenice Guerra, então ministra da Casa Civil e durante o período em que Dilma conduziu o ministério, era a secretária executiva da mesma. Ciente das acusações de Serra sobre seu suposto conhecimento da quebra de sigilo de Verônica Serra e Eduardo Jorge, Dilma afirma esperar a investigação e minimiza a participação petista no caso, que, segundo ela, era somente um caso de corrupção. Quanto às acusações contra Erenice Guerra, Dilma rejeitou o convite do senador do PSDB, Álvaro Dias, para explicar-se no Senado e rotulou a cobertura do acontecimento como uma tentativa de “criar factóide”.

Quanto a outros temas levantados na cobertura do jornal, a então candidata aparece nas capas do jornal defendendo uma política de diminuição da atuação do Estado na sociedade e garante saber como controlar os movimentos sociais. Sua última aparição, é um comentário acerca de texto apresentado no congresso do PT, apontado por muitos jornalistas

como radical, principalmente por indicar regulamentação da mídia. Dilma afirma que o texto foi editado posteriormente e seria errôneo assumir que ela apoia todas as medidas que o partido toma.

O ex-presidente Lula é o político mais importante na campanha de Dilma, recebendo onze eventos de voz direta, quase tantos quanto a própria candidata. Quatro matérias focam nas declarações do petista sobre a partidarização da mídia. Após a repercussão destas falas, o então presidente afirma ser favorável a liberdade de imprensa, todavia, sem que houvesse invenções por parte desta. A resposta por parte da própria mídia foi na forma de diversas críticas à posição, defendida até o último dia de campanha, de que os veículos de comunicação confundem liberdade com autoritarismo. As aparições de Lula tratam de diversos assuntos, como a defesa de seu governo, os constantes ataques a sua pessoa comparados com as acusações a Dilma, as constantes punições do Ministério Público Eleitoral à campanha da sua candidata e as críticas que faz aos adversários políticos. Em todas as matérias, o foco são as declarações do presidente.

Outras declarações de petistas mereceram a atenção do jornal, como as de José Dirceu, Aloísio Mercadante e José Eduardo Dutra, o então presidente do partido. José Dirceu alega em suas declarações que "o problema do Brasil é o monopólio das grandes mídias, o excesso de liberdade e do direito de expressão e da imprensa", apresentado pelo jornal um ataque direto a imprensa. Aloísio Mercadante considera "desespero" da coordenadoria de campanha peessedebista a acusação de sabotagem em inauguração de estação do metrô em São Paulo. O presidente do PT, por sua vez, aparece na capa de O Globo chamando Serra de "direita troglodita" devido às acusações de ligação entre o partido e as FARC. Dutra também diz ser exagerado e extrapolado o pedido de abertura de investigação contra Lula feito pela vice-procuradora-geral eleitoral, Sandra Cureau.

Na cobertura da Folha de São Paulo há nove matérias que reproduzem falas de Dilma Rousseff. Em apenas três oportunidades seu discurso é destacado, as demais são apenas breves comentários feitos por ela. Em uma das matérias em destaque, a petista afirma que o jornal não apresentou todos os dados aprovados pelo TCE em matéria sobre seu período como secretário do governo do Rio Grande do Sul. As outras duas citações se relacionam a confrontações com o PSDB e seu candidato, nas quais Dilma Rousseff acusa Serra de

“acobertar” a investigação sobre Paulo de Souza e que a quebra de sigilo foi fruto de “disputa” dentro do próprio PSDB.

As outras citações breves de falas de Dilma têm por objeto assuntos variados, como quando Dilma afirma que a posição do Papa contra o aborto “é a crença dele” e a expressão de seu desejo de que haja investigação sobre as suspeitas nas licitações do metro de São Paulo realizadas durante o governo de Serra. Envolvendo o PSDB, a candidata também afirma que Serra “lança calúnias e tergiversa”, utilizando a imagem de Lula “de forma patética”, pois tenta ligar o próprio nome ao do presidente petista, enquanto, ao mesmo tempo, lhe faz oposição. Por fim, Dilma em duas declarações defende-se das acusações no caso Erenice Guerra, atestando que a mesma errou e que sua demissão é boa para que as investigações continuem.

O então presidente Lula também é contemplado na cobertura da Folha de São Paulo. Das sete matérias com alusões a falas de Lula, cinco são chamadas focadas ao conteúdo de seus comentários. Quatro das participações do presidente envolvem ataques diretos a Serra, a mídia e à vice procuradora, Sandra Cureau, a qual se refere como “uma qualquer aí”. Lula é reproduzido dizendo que Serra “partiu para baixarias” na campanha; que a mídia é “autoritária”; e, por fim, que a procuradora procura inibir seu apoio a Dilma. Outras duas matérias que ganharam destaque nas capas dizem respeito a sugestões ao futuro governo Dilma de manter os nomes nos Ministérios da Fazenda e da Casa Civil.

Outras três personalidades petistas têm espaço na cobertura do jornal, cada um em um momento distinto. O deputado petista Candido Vaccarezza, frente às acusações de que o PT tinha conhecimento da quebra do sigilo fiscal de pessoas próximas a candidatura de Serra, defendeu sua candidata afirmando que quem “baixa o nível é Serra”. O secretário geral do partido, José Eduardo Cardozo, expressou-se sobre o aborto, afirmando que a legalização da prática não é assunto unânime dentro do partido. Finalmente, o presidente do PT, José Dutra, admitiu sentir “frustração” pela ocorrência de segundo turno nas eleições de 2010.

O jornal O Globo colocou treze falas da candidata petista em suas capas no período eleitoral, contidas em oito notícias. A maioria das intervenções de Dilma trata sobre a quebra de sigilo da Receita, nas quais a candidata condena o ocorrido e acusa o PSDB e Serra de se dedicarem a ganhar a opinião pública “no tapetão”, já que sua popularidade era declinante nas pesquisas, atitude classificada pela petista como “desespero”. No caso dos comentários

diretos feitos por Dilma acerca de Erenice Guerra, o espaço dado pelo jornal foi relativamente pequeno, e se resume à afirmação de que se afastara do caso, por não querer ser julgada “baseado no que aconteceu com um filho de uma ex-assessora”.

O jornal também reproduziu comentários sobre o aborto feitos pela candidata, e abriu espaço para o confronto entre a petista e a candidata Marina Silva, com três matérias que citaram o caso. A candidata do PV, que estava em terceiro lugar nas pesquisas de intenção de voto e com tendência ascendente, tentou criar confronto, pedindo o embate “da Silva contra a Rousseff”. Dilma respondeu às diversas críticas que afirmavam que era contrária à ideia de um plebiscito sobre a legalização do aborto, defendido por Marina, e se disse ser contrária à prática ainda que apoiasse o atendimento no SUS para aquelas mulheres que realizarem o procedimento.

Durante o segundo turno, Dilma desmente as afirmações sobre suas declarações antigas e assim tenta “atrair o voto conservador”. As únicas duas notícias do jornal sobre o caso tratam de momentos distintos. A primeira destaca que Dilma discursa como vencedora, o que é negado pela candidata, em outro evento. A segunda faz parte de uma notícia maior sobre o último dia de campanha, na qual a candidata afirma que o período de campanha “foi maravilhoso”, contrariando as notícias de que estaria desanimada por ir ao segundo turno.

O presidente Lula teve quase tanto espaço quanto Dilma Rousseff, com doze falas publicadas, sendo em oito o centro da matéria. O tema central das declarações de Lula é sua crítica à mídia. Classificado como duro e agressivo, o presidente respondeu que as acusações dirigidas à campanha de Dilma no caso da quebra de sigilo eram “fritada menor”. No caso de Erenice Guerra declara que a ministra trabalha bem, mas que não é permitido errar na vida pública. Depois da saída de Guerra, o presidente é citado dizendo que não é possível enganar continuamente, o que é interpretado pelo jornal como uma afirmação de que ele se entendia enganado, o que, por seu turno, seria uma referência velada ao caso do mensalão, quando o mesmo afirmou que foi “traído”. Por fim, no caso do suposto ataque a Serra com uma bolinha de papel, o jornal destaca uma matéria apenas para desmentir a “indignação” de Lula quanto ao fato.

Após as declarações de Lula instigando a mídia a revelar sua preferência por um ou outro partido, o Globo deu grande atenção ao tema em três matérias. Em duas destas relembra

críticas da OAB, da ANJ e da SIP e as declarações do presidente que, supostamente, atacam a liberdade de imprensa.

Das quatro matérias restantes, duas tratam de assuntos variados. A primeira é sobre o orgulho do presidente em relação a seu passado radical, que o lapidara em um “dirigente político maduro”, mesmo que criticado por alguns. A segunda reportagem destaca como a imagem de Lula foi utilizada em abundância tanto na campanha de Dilma como na de Serra.

O jornal O Globo também abriu espaço para outras personalidades petistas, que tiveram destaque em cinco matérias. Duas destas focam os resultados do primeiro turno das eleições e o abatimento que contagiara o Partido dos Trabalhadores, cujos membros, segundo as mesmas notícias, acreditavam vencer já no primeiro turno. Alexandre Padilha e Eduardo Dutra aparecem em citação direta negando tal interpretação. Também recebeu destaque a declaração de José Dirceu, segundo o qual o partido teria mais poder sobre Dilma Rousseff na Presidência do que tem sobre Lula, pois este é maior do que a sigla do partido. O presidente do partido, José Dutra, declara que as declarações de Dirceu foram feitas em um contexto de militância e que ele “não soube medir as palavras”. Em outra ocasião Dutra é citado ao defender que a discussão da reforma da Previdência não estava esvaziada mas que não fazia parte do programa de governo de Dilma, pois somente seria discutida após eleição.

c) Marina Silva, PV

No Estado de São Paulo, a voz de Marina Silva teve pouco espaço. Duas das notícias em que a candidata aparece eram acerca de possíveis apoios de Marina e do PV no segundo turno, aos quais ela responde considerando-os “fiadores do conservadorismo renitente”. Quando questionada sobre governabilidade por um repórter, a candidata afirmou que teria liberdade para formar sua base, já que não tinha alianças. Por fim, sobre a legalização do aborto, ela atacou Dilma afirmando que a mesma “já disse que era favorável e depois mudou”.

O espaço dado a Marina Silva na Folha de São Paulo foi para que a mesma pudesse apresentar críticas às outras candidaturas. Em duas matérias Marina critica o PT, primeiro afirmando que o partido não havia aprendido com o passado de mensaleiros, aludindo ao escândalo do tráfico de influência no Ministério da Casa Civil na segunda a candidata defende a sua permanência no partido após o primeiro episódio, explicando que queria

“contribuir” com o partido, embora fosse contra o que tinha ocorrido. Sua terceira intervenção fora uma crítica a José Serra, que, segundo a candidata do PV, queria destruir sua própria imagem, já que “descambou para o vale-tudo eleitoral”. Por fim, Marina reclama da atitude do Partido Verde que procurava trocar seu apoio no segundo turno por ministérios, o que ela considera “se apequenar”.

Na cobertura do jornal O Globo, Marina teve espaço em seis reportagens de capa, sendo quatro dela para ataques aos outros dois principais candidatos. Em quatro notícias, sendo duas em destaque, a candidata ataca Lula, Dilma e Serra. Quanto a Lula, ela afirma que o petista “banalizou o dolo” por defender a sua candidata no caso da quebra de sigilo, e que “esquece dos cidadãos” com estas ações. Marina também criticou os ataques de Serra à imprensa, comparando-os aos de Lula, e também acusou, em debate televisivo, a falta de servidores de carreira no governo federal de FHC. O embate com Dilma Rousseff teve um assunto chave às duas: o aborto. Marina afirmou não fazer “discurso de conveniência” diferente de Dilma que “já disse que era favorável e mudou de posição”.

As últimas duas matérias em que as declarações de Marina Silva surgem tratam sobre seu programa de governo e sobre o partido. Durante a campanha, a candidata fez discursos aos empresários em Nova York defendendo “reforma fiscal, redução dos gastos públicos, investimentos em educação e infraestrutura”. Quanto ao seu partido na época, o PV, afirma que não mudaria, não cairia “no fisiologismo”, por que seu desejo é fazer uma “discussão programática”.

Conclusão

A análise de todas as capas dos três jornais de maior circulação no país quanto à presença da voz direta nos ajuda a compreender as ações e estratégias grande mídia impressa durante o período da eleição. A tabela abaixo revela o panorama analisado:

TABELA 1
As vozes dos candidatos nos jornais

Valência	Folha de São Paulo	O Estado de São Paulo	O Globo
José Serra	16	25	23
Dilma Rousseff	19	29	30
Marina Silva	04	02	06
Total	39	56	59

As três coberturas nos apresentam a mesma tática de formação da opinião pública na campanha: a desconstrução da imagem de Dilma Rousseff. Tanto nas declarações atribuídas a José Serra quanto naquelas de Marina Silva, nos três jornais, percebemos a abundância do uso de tom pejorativo em referências à candidata do PT. Foram utilizadas expressões como “ventríloqua de marqueteiro”, “candidata oculta”, “duas caras”, “caixa-preta”. Em suma, os jornais buscam uma cobertura focada em desmerecer a figura da candidata, explorando os mesmos *issues* a exaustão, associando-a a escândalos como o de Erenice Guerra e da quebra de sigilo de membros da candidatura de José Serra a sua pessoa.

Apesar de o alvo principal ser a candidata, o partido dela também é alvo da desconstrução midiática. Neste sentido, o partido é descrito como aliado a facções criminosas, como um partido que manipularia sua candidata uma vez eleita, chamado de partido de corruptos, adepto da restrição à liberdade de imprensa e a favor da legalização do aborto. Por fim, a imagem do Partido dos Trabalhadores é frequentemente ligada à pessoa do presidente Lula, repetindo-se assim a mesma sequência de associações pejorativas.

O ataque a Dilma Rousseff não é, contudo, a única conclusão relevante, houve também a exaltação de José Serra e de Marina Silva, seus principais adversários eleitorais. Os jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo deram espaço para que o candidato peessedebista se defendesse de acusações acerca de Paulo Preto; O Globo, por sua vez, abriu espaço para Marina Silva apresentar suas propostas e também destacou mais a campanha da verde. No segundo turno, o destaque foi transferido à campanha do candidato do PSDB.

Logo, a aparição de trechos de declarações de candidatos ou de pessoas relacionadas a seus partidos ou campanhas formulam um campo de batalha com dois lados. De um lado a petista Dilma Rousseff que personifica a desqualificação, a desmoralização e a inexperiência. Do outro lado estão José Serra e Marina Silva. Marina, antes do lado da petista, se redimiou e se corrigiu movimentando-se para o lado moralmente correto; e José Serra aparece como homem experiente, vítima, ele e sua família, de perseguições arquitetadas pelos petistas, membro de um partido moral e cívico, que defende a família e que está pronto para governar o país.

Referências Bibliográficas

- ALDÉ, Alessandra. 2004. **A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas
- ALDÉ, Alexandra, MENDES, G. G., FIGUEIREDO, Marcus. “Tomando Partido: Imprensa e política nas eleições de 2006”. *Politica & Sociedade*, v. 10, p. 20-28, 2007.
- ALTHAUS, Scott, JILL, Edy, e PHALEN, Patricia. “Using substitutes for full-text news stories in content analysis: which text is best?”. *American Journal of Political Science* 45, 2001
- BARRETT, Andrew e BARRINGTON, Lowell. “Bias in Newspaper Photograph Selection.” *Political Research Quarterly* 4, 2005
- BEZERRA, Heloisa Dias. “Cobertura jornalística e eleições majoritárias: proposta de um modelo analítico”. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.
- FAUSTO NETO, Antonio. “A construção discursiva da violência: o caso do Rio de Janeiro”. *Revista Comunicação & Política*. Rio de Janeiro, vol. 01, 1995.
- HERÉDIA, Leila. “A retórica da capa: a reeleição de FHC e de Lula na primeira página de O Globo e FSP”. Tese de mestrado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2008.
- MIGUEL, Luis Felipe. “A eleição visível: a Rede Globo descobre a política em 2002”. *Revista Dados*. Rio de Janeiro, vol.46, n° 02, 2002
- MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia. “A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 25, n° 73, 2010
- PEAKE, Jeffrey. “Presidents and Front-page News: How America's Newspapers Cover the Bush Administration”. *The Harvard International Journal of Press/Politics*, vol. 12, 2007.
- PEAKE, Jeffrey e ESHBAUGH-SOHA, Matthew. “The presidency and Local Media: Local Newspaper Coverage of President George W. Bush”. *Presidential Studies Quarterly* 38, n°. 4, 2008
- RUBIM, Antonio. “Contemporaneity as the media age”. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, vol. 4 , n° 07, 2000
- SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002
- TUCHMAN, Gaye. **Making news: a study in the construction of reality**. Michigan: Free Press, 1978
- _____. **Making news by doing work: routinizing the unexpected**. *The American Journal of Sociology*, Vol. 79, No. 1, 1973
- _____. “Objectivity as Strategic Ritual: an examination of newsmen's notions of objectivity”. *The American Journal of Sociology*, vol. 77, n° 04, 1972.
- YOUNG, Iris Marion. *Inclusion and democracy*, Oxford: Oxford University Press, 2000.